

Amizade em Aristóteles: Unidade Focal e Semelhança

Aristóteles, é bem sabido, escreveu, tanto na *Ética Nicomaquéia* como na *Ética Eudêmia*, um tratado sobre a amizade. Aristóteles reconhece três tipos: amizade segundo a virtude, segundo o prazer e segundo a utilidade. Elas são irreduzíveis entre si, cada uma seguindo um registro próprio. O que é menos conhecido é que a possibilidade da metafísica está intimamente ligada a estes estudos. Na *Ética Eudêmia*, ao apresentar sua crítica da doutrina platônica do bem, Aristóteles concluía, do fato que ser e bem se dizem em todas as categorias, que não é possível nem uma ciência única do bem nem uma ciência única do ser. A conclusão é incompatível com o projeto que anuncia com tanta clareza no livro Γ da *Metafísica*: há uma ciência do ser enquanto tal, que não é uma ciência particular, mas geral, e é uma ciência única do ser. Aparentemente, na época em que escrevia a *Ética Eudêmia*, Aristóteles não via como possível uma ciência única do ser, mas somente ciências regionais, que explorassem não o todo do ser, mas este ou aquele dos seus aspectos.

Não sabemos quanto tempo durou esta fase de desencanto metafísico; o fato é que, ao escrever a *Ética Nicomaquéia* e repetir aquele argumento da *Ética Eudêmia* que se concluía pela recusa de uma metafísica geral, Aristóteles agora guarda-se bem de enunciar tão drástica decisão. Em seu lugar, lemos somente que não é possível um bem que seja único, comum e universal; supõe-se então que, similarmente, do ponto de vista metafísico, não é possível um ser único, comum e universal. Ora, esta tese não só não está em contradição com o que é dito na *Metafísica*, como está inscrita no projeto esboçado no livro Γ : o ser está disperso

nas categorias, mas dispõe de uma unidade, a significação focal ou $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$ λέγεσθαι, não assimilável à relação genérica, mas forte o suficiente para permitir uma ciência única do ser fora do diapasão platônico, sob a forma de uma doutrina da substância.

O que ocorreu de um texto a outro? Ora, a *Ética Eudêmia* não desconhe a relação de unidade focal ou $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$; no entanto, ela não o aplica ao bem (e, por extensão, tampouco ao ser), mas unicamente aos três tipos de amizade. Na *Ética Nicomaquéia*, por sua vez, Aristóteles continua a sustentar que há três tipos irreduzíveis de amizade, mas não mais os examina à luz de uma unidade focal ou $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$; em seu lugar, encontramos a tese de uma unidade por semelhança, $\kappa\alpha\theta' \acute{o}\mu\iota\acute{o}\tau\eta\tau\alpha$. A impressão que se tem é que Aristóteles abandonou a tese da unidade $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$ dos tipos de amizade por uma relação de semelhança, ao mesmo tempo em que passou a aplicar a unidade focal em um outro campo, no qual ela mostrará toda sua fecundidade: o domínio do ser. A metafísica aristotélica, como ciência única do ser, só se torna possível pela referência de tudo o que é a um modo primeiro de ser, a substância. A substância não é o único ser, mas o $\pi\rho\acute{\omega}\tau\omega\varsigma \acute{o}\nu$, expressão que Aristóteles cunha em evidente contraste com o $\acute{o}\nu\tau\omega\varsigma \acute{o}\nu$ platônico. Sem tornar o ser um gênero nem despedaçá-lo em categorias incomunicáveis entre si, Aristóteles tem agora uma doutrina da substância cuja unidade de significação focal é forte o suficiente para sustentar uma ciência única, mas tênue demais para alicerçar-se sobre ela a tese da univocidade de tudo o que é.

Os artigos aqui reunidos almejam compreender melhor o que está em jogo na substituição da noção de $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$ pela de semelhança para os tipos de amizade e a concomitante aplicação do $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$ ao ser. Desde o célebre artigo de Owen, no qual é cunhada a não menos famosa tradução de $\pi\rho\delta\varsigma \epsilon\nu$ λέγεσθαι por *focal meaning* ("Logic and Metaphysics in Some Earlier Works of Aristotle", publicado originalmente em *Aristotle and Plato in the Mid-Fourth Century*, ed. Düring e Owen, 1960 pp. 163-90), este problema está na pauta dos estudos, mas há ainda muita controvérsia. No primeiro dos artigos aqui publicados, o prof. Enrico Berti examina a oscilação de Aristóteles a propósito da relação entre as três formas de amizade. Para ele, se se admite, como parece sensato fazê-lo, que

a noção de $\pi\rho\delta\varsigma \acute{\epsilon}\nu$ é uma noção introduzida por Aristóteles, enquanto a semelhança é uma noção platônica, pode-se recorrer a três explicações. Pode-se ver, primeiramente, uma renovação com o platonismo (supondo que a *Ética Eudêmia* tenha sido escrita antes da *Ética Nicomaquéia*); ou, segunda hipótese, uma marca de inautenticidade da *Ética Eudêmia* (e da *Magna Moralia*, que a acompanha também neste ponto); ou, enfim, terceira hipótese, uma explicação do fenômeno da amizade de modo diferente, mas não incompatível. Nesta terceira hipótese, abre-se a porta para a interpretação neoplatônica e escolástica, pois então a semelhança platônica teria sido vista pelo próprio Aristóteles como compatível com a unidade focal. O prof. Berti não se sente, porém, confortável com nenhuma destas possibilidades. Convém lembrar que o prof. Berti tem contribuições importantes a respeito desta questão: em primeiro lugar, seu bem conhecido artigo sobre “Multiplicité et Unité du bien. Selon” *EE I 8* (publicado nas *Untersuchungen zur Eudemischen Ethik*, ed. por P. Moraux e D. Harlfinger, de Gruyter 1971, pp. 157-84), mas também seus estudos mais recentes sobre a amizade (“Il Concetto di Amicizia in Aristotele”, publicado em *Il concetto di amicizia nella storia della cultura europea*, Meran 1975, pp. 102-22, e “Amicizia e Focal Meaning”, no livro dedicado a *Aspasius – The Earliest Extant Commentary on Aristotle’s Ethics*, ed. por A. Alberti e R. Sharples, de Gruyter 1999, pp. 176-90).

No segundo artigo, René Lefebvre examina minuciosamente a mudança de perspectiva para compreender o fenômeno da amizade e conclui que, a seu respeito, as doutrinas da *Ética Nicomaquéia* e da *Ética Eudêmia* não são excludentes. Interessa-lhe sobretudo a suposta platonização pelo fato mesmo de ter introduzido uma relação de semelhança lá onde antes vigorava a unidade focal. Para Lefebvre, Aristóteles não está confundindo as duas questões, mas as conciliando, e nisto pode certamente haver uma dose de platonismo. No entanto, não devemos ver em todo uso da noção de semelhança um retorno ao platonismo; pode-se admitir um platonismo na organização do campo da amizade na *Ética Nicomaquéia*, mas Platão não tem o monopólio da semelhança. E, na direção oposta, o que seria o núcleo duro do aristotelismo talvez já esteja ele próprio impregnado de platonismo. Para Lefebvre, há uma herança platônica operando no interior do que parece exclusivo a

Aristóteles, a saber, a relação πρὸς ἔν. Convém igualmente lembrar que René Lefebvre defendeu em 1993 uma tese sobre *La ressemblance chez Aristote*, na qual justamente procura pôr em evidência seus diversos usos pelo Estagirita.

Enfim, no terceiro e último artigo, estudo a noção de homonímia menos em Aristóteles e mais na tradição que se reivindica dele, em especial em Aspásio. A noção de πρὸς ἔν foi vista por Alexandre como um intermediário entre a sinonímia e a homonímia; na tradição dos comentadores do tratado das *Categorias*, ela aparece como um dos casos da homonímia ἀπὸ διανοίας ou *a consilio*. Como, porém, foi tratada por Aspásio, autor do mais antigo dos comentários a Aristóteles de que atualmente dispomos? A resposta pode ser magra em si, a respeito precisamente do ser, mas parece-me muito esclarecedora quando posta na perspectiva do comentário antigo, que, temos de reconhecer, em muito influenciou a apropriação moderna do aristotelismo.

Marco Zingano